

SOUSA, Rui B. **O messias caboclo**: estudo sobre a religiosidade e a cultura popular dos camponeses no contestado (1912-1916). Curitiba: Editora CRV, 2020.

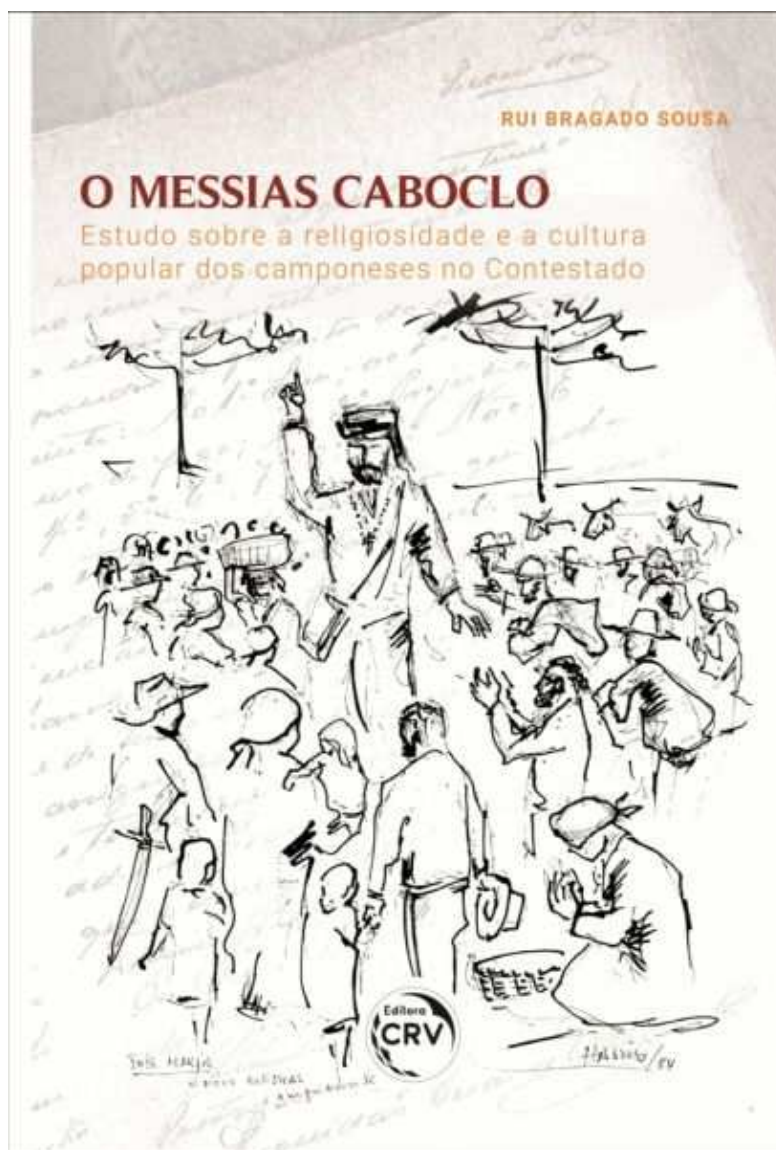
APRESENTAÇÃO

O Contestado é seguramente o movimento social brasileiro com maior conotação messiânica e milenarista, ao ponto de alguns sociólogos a caracterizarem como ‘guerra santa’ ou como um messianismo ‘do tipo clássico’. Dentre os diversos elementos que tornam este conflito bastante multifacetado, o messianismo é certamente um dos fatores mais complexos, pois escapa aos olhos do investigador. Termo evanescente e por vezes hermético, confunde pesquisadores e o senso-comum. Assim ocorre com as fontes utilizadas na análise do Contestado, afinal o messias não aparece explicitamente nos documentos, é preciso interpretá-lo. A dificuldade na análise do milenarismo produziu interpretações reducionistas e factuais, de cunho positivista com forte influência de Euclides da Cunha, onde os rebeldes sertanejos foram adjetivados de forma pejorativa como culturalmente arcaicos e atrasados e o messianismo associado à degeneração racial.

Como uma espécie de curto-circuito o messianismo rompe com a linearidade cronológica da história, ele opera nela algo como uma ‘dobra no tempo’, quer seja como retorno ao passado idealizado ou como interrupção em direção ao *novum*. Concebido dessa maneira, em seu sentido teológico, histórico e cultural, rompe-se também com a interpretação positivista, com o pragmatismo sociológico e com a ‘isenção’ de historiadores modernos como Jean Delumeau (Mil anos de felicidade) e no Brasil Vicente Dobroruca (História e milenarismo), que sobrepõe um tom neutro e opaco às cores

vivas e radiantes do messianismo. Como o ‘sal da terra’ o messianismo denuncia a injustiça socioeconômica; relaciona-se assim às utopias como contraponto a ideologia.

Nesses termos, analisar do messianismo pressupõe compreender o passado idealizado – que fornece a experiência, e a utopia do novo mundo – lugar da expectativa. É este o objetivo geral da presente obra, o que requer indagar por que homens como Friedrich Engels após derrota das jornadas de 1848 na Europa ou Ernst Bloch ao final da efêmera República do Conselho da Baviera e do movimento *Spartacus* na Alemanha (1918-1919) voltaram-se para Thomas Münzer e os Anabatistas como símbolos de esperança e utopia? Convém ainda perguntar qual a relação entre milenarismo e utopia? Afinal, as maiores referências nessa temática – Ernst Bloch, Karl Mannheim, Paul Ricoeur – veem em Münzer e não em Morus o arquétipo da utopia moderna. O propósito específico desta pesquisa é compreender o messianismo como fruto de uma tradição judaica e cristã com uma racionalidade bastante específica, como um movimento que explode o *continuum* da história, de acordo com os conceitos de Walter Benjamin. A crescente secularização e racionalização das esferas do sagrado opõem duas concepções distintas de História – a Romântica-milenarista e a Positivista – onde a utopia substitui a profecia e o Estado e a Igreja detém o monopólio da previsão do futuro, ora como imagem idealizada do progresso, ora como salvação fora do mundo material, respectivamente.



PREFÁCIO

Este livro de Rui Bragado Sousa realiza importante e atualizada análise sobre o messianismo no movimento social do Contestado. Trata-se de retomar uma linha de investigação que tinha sido pouco mobilizada pelos pesquisadores mais recentes. Os primeiros cronistas militares trataram este episódio como “luta contra o fanatismo”, colocando a República no campo da luz e do progresso, enquanto os sertanejos representavam o obscurantismo e o

atraso. A sociologia brasileira dos anos 1950 e 1960, principalmente com as relevantes contribuições de Maurício Vinhas de Queiroz e Maria Isaura Pereira de Queiroz, já tinha levantado a tese sobre o messianismo, mas dentro de uma abordagem muito estrita que resultava de uma “anomia”, uma “crise” ou “perda de identidade”. Estas teses pelo menos tinham a vantagem de deslocar a antiga e preconceituosa imprecisão de “fanatismo”, mas de certa forma

engessava o entendimento do movimento social como parte de uma patologia, uma anormalidade.

Grandes passos mais recentes nesta área foram trilhados por Duglas Teixeira Monteiro, Ivone Gallo e Márcia Espig. Estes pesquisadores demonstram que o estudo da cultura popular sertaneja precisa combinar e mobilizar conhecimentos vastos a respeito das tradições religiosas antigas e suas adaptações e formas de apropriação nos mais diferentes contextos. Não há fórmulas prontas a se aplicar.

Rui Sousa retoma esta discussão e mobiliza um acervo importante de autores da sociologia das religiões e áreas conexas e passa a ver a insurgência sertaneja e sua expressão religiosa como parte de uma longa tradição popular de resistência e luta social. São escrutinados e analisados vários episódios da tradição judaico-cristã antiga e medieval. Muitas lutas camponesas passam a ser vistas num ângulo novo, associadas às ideias religiosas de justiça, libertação e redenção.

O movimento sertanejo do Contestado foi uma erupção social com fortes características messiânicas e milenares ocorrido no planalto dos Estados de Santa Catarina e Paraná entre 1912 e 1916. Sendo um movimento dentro da tradição religiosa e cultural de “São” João Maria (ou do “monge” ou “Profeta” João Maria) não foi o primeiro nem o último. Concentrações camponesas em torno da religiosidade de João Maria já haviam ocorrido em Santa Maria (RS) em 1848-49; no Canudinho de Lages (SC) em 1897, entre os Monges do Pinheirinho (RS) em 1902. Depois da Guerra do Contestado ainda ocorreu a concentração dos devotos de João Maria em Mafra (SC) em 1921, a ação dos Kaingangues de Pitanga (PR) em 1923, o movimento dos Monges Barbudos em

Soledade (RS) em 1935-37 e o movimento dos Alonsos, no vale do Timbó (SC) em 1942. Nestes diferentes movimentos várias manifestações messiânicas foram mobilizadas como parte de um acervo cultural e social das populações caboclas do planalto meridional. O estudo destes movimentos implica num complexo quadro de ocupação territorial, trocas culturais entre populações heterogêneas, compreensão de conflitos, expropriações e defesa de formas de vida e sociabilidade.

Ao longo da luta dos sertanejos do Contestado, a ideia de Monarquia Celeste se firmou dentro das “cidades santas”. Não se tratava de um processo de Restauração da Monarquia Bragantina no Brasil (algo que já era politicamente afastado na segunda década do século XX). Tratava-se de construção de uma nova ordem que fosse entendida como oposta à República. Em todo este episódio fica clara a experiência dolorosa que as classes populares tiveram com a República.

Nenhum movimento social possui uma “pauta” unicamente “racional” ou “precisa”. Isto é particularmente acentuado em populações rurais. Em erupções desta natureza normalmente são mobilizadas expectativas diversas, discursos de liberdade, esperanças e sonhos. Há algo de catártico nestes momentos. Reconstruir a complexidade destes movimentos é um dos desafios desta obra. Rui Bragado Sousa enfrenta a dificuldade com as fontes, buscando na tradição oral vários traços e momentos da luta dos sertanejos do Contestado. Esta tradição oral aparece não apenas nas décimas recolhidas por Euclides José Felipe, mas também nos registros dos militares e da imprensa da época. Especial cuidado com a leitura (a contrapelo) das fontes revela o cuidado

de uma reflexão crítica e equilibrada da experiência dos camponeses do Contestado.

Embora tenha partido de uma dissertação de mestrado, não se trata de um livro com linguagem acadêmica hermética. A obra possui uma linguagem direta, acessível ao público interessado em História e no conhecimento da sociedade brasileira do início do século XX, e que dá instrumentos de análise importantes para se estudar muitas lutas sociais ao longo dos séculos, em várias partes do mundo.

Florianópolis, fevereiro de 2020.

Paulo Pinheiro Machado*

Prof. do Departamento de História – UFSC

SINOPSE

Walter Benjamin por vezes compara metaforicamente a tarefa do historiador com o catador de papéis [*Lumpensammler*]. Como quem recolhe os “detritos” da história e os transforma em conceitos, livrando-os do esquecimento, fazendo-os falar, o folclorista Euclides Felipe reuniu uma coleção inestimável dos mais belos versos da cultura popular campesina. Essa tradição oral sobreviveu ao massacre da Guerra no Contestado em forma de poemas, de décimas e sextinas. A poesia cabocla revela traços da tradição e dos costumes do sertanejo, de sua religiosidade e do messianismo característico da “guerra santa”. Este livro procura interpretar a cultura popular cabocla em síntese com a erudição da filosofia messiânica da história de Benjamin e de Ernst Bloch.

* **PAULO PINHEIRO MACHADO** é professor associado do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina. É graduado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Mestre e Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas, com Pós-Doutorado na Universidade Federal Fluminense e na Universitat Autònoma de Barcelona. Leciona no curso de graduação e no Programa de Pós-Graduação em História da UFSC. Tem experiência na área de História do Brasil, com ênfase no período do Império e primeiras décadas da República, atuando na área de História Social do Campesinato, principalmente em pesquisas sobre colonização, terras, fronteira agrícola, fronteiras internacionais, Revolução Federalista e movimentos sociais rurais, como Canudinho de Lages (1897) e a Guerra Sertaneja do Contestado (1912-1916). É autor dos livros *A Política de Colonização do Império* (Ed. UFRGS, 1999) e *Lideranças do Contestado* (Ed. UNICAMP, 2004), junto com Márcia Espig, organizou o livro *A Guerra Santa Revisitada: novos estudos sobre o Movimento do Contestado* (Ed. UFSC, 2008) e junto com Gunter Axt publicou *O Processo de Adeodato* (Ed. MPE, 2017), entre outras obras. É líder do Grupo de Investigação sobre o Movimento do Contestado e integrante do Laboratório de História Social do Trabalho e da Cultura da UFSC. Integra o INCT - Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia PROPRIETAS, projeto internacional: História Social das Propriedades e Direitos de Acesso (Disponível em: www.proprietas.com.br). É bolsista de produtividade de pesquisa II do CNPQ. Contato: paulo.pinheiro.machado@ufsc.br